

Dossiê: Harold Lasswell e o retorno da propaganda: O centenário do livro *Propaganda Technique in the World War*

APRESENTAÇÃO

Dossier: Presentation

Dossier: Presentación

Rafiza Varão¹
Luiz C. Martino²
Filipa Subtil³
Rodrigo Miranda Barbosa⁴

DOI: doi.org/10.31501/esf.v1i35.16963

Em 2026, a obra de Harold D. Lasswell, cujo marco inaugural é sua tese de doutorado *Propaganda Technique in the World War*, tornou-se centenária – justamente no mesmo período em que este dossiê é publicado pela revista *Esferas*, com o objetivo de discuti-la não apenas em seu cerne, mas buscar compreendê-la em sua atualidade.

Considerada a primeira grande investigação acadêmica sobre propaganda, o trabalho se tornou referência e transformou o cientista político na maior autoridade nos Estados Unidos sobre o tema, pelo menos até o início da segunda metade do século XX. Nestes cem anos, sua influência e reconhecimento também acabaram consolidando narrativas fundacionais, como o mito dos pais fundadores, em que Lasswell figura (ao lado de Paul Lazarsfeld, Kurt Lewin e Carl Hovland) como membro de uma quadríade que seria a responsável pela consolidação do campo da Comunicação. Também ao longo do centênio, entretanto, sua obra enfrentou desvalorização, sobretudo com o fim

¹ Doutora, Universidade de Brasília, Brasília, Brasil. rafiza@unb.br | <https://orcid.org/0000-0003-0383-5524>

² Doutor, Universidade de Brasília, Brasília, Brasil. luizcmartino@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0003-0209-8024>

³ Doutora, Escola Superior de Comunicação Social, Instituto Politécnico de Lisboa e Laboratório de Investigação Aplicada em Comunicação e Média, Lisboa, Portugal. fsubtil@escs.ipl.pt | <https://orcid.org/0000-0003-2556-2192>

⁴ Doutor, Universidade Federal de Pernambuco, Campus Caruaru, Caruaru, Brasil. rodrigo.mbarbosa@ufpe.br | rmbdesign@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0002-0053-3515>

da chamada Guerra Fria, bem como com o que alguns autores chamaram de Longa Paz, como o estadunidense John Lewis Gaddis. Os conflitos mundiais pareciam ter sido reduzidos não apenas em quantidade, mas em apelo ideológico.

O início deste terceiro milênio vem mostrando que negligenciar sua obra talvez tenha sido um erro. Os cenários de guerra que atravessamos hoje, informacionais e bélicos; a crescente onda de desinformação; a noção de *fake news*; as estratégias de propaganda da extrema-direita em ascensão no mundo; as mídias sociais; a Inteligência Artificial como produtora de conteúdo; a pós-verdade... Tudo isso tem contribuído para um entendimento de que a obra lasswelliana ainda pode dizer muito sobre a contemporaneidade. Aparentemente, vive-se um período de retorno da propaganda de guerra, cada vez mais simbólica e com sentidos cada vez mais em disputa.

O presente dossiê, portanto, tem como objetivo rediscutir e resgatar o trabalho de Harold Lasswell com as lentes retrospectivas e prospectivas; e que abarquem o panorama que se delineia a partir dos meios digitais. O desafio de retomar um autor clássico em meio às novidades comunicacionais, entretanto, não é simples. Notoriamente, este é um dossiê de apelo mais restrito, com volume menor de publicações. Contudo, o que se apresenta nos trabalhos aqui selecionados oferece um quadro analítico e compreensivo de como podemos interpretar o autor e como ele segue mais atual que nunca.

A vasta erudição de Lasswell permitiu-lhe transitar com autoridade por diversos campos do saber, com interesses que perpassaram domínios como as Relações Internacionais, o Direito, a Psicologia e a Psicanálise. Essa trajetória multifacetada culminou em contribuições seminais para o estudo da comunicação de massa.

Além do famoso Esquema (Quem, diz o quê, por qual canal, a quem e com que efeitos?), em que descreve o processo de comunicação e indica uma divisão de subáreas de pesquisa, Lasswell proveu elementos em todos os planos. Sua definição de propaganda foi seguidamente retomada, também introduziu novos conceitos, como o de *símbolos mestres* (capazes de despertar emoções fortes que possuem o poder de estimular ações de massa em grande escala) ou de concepção de valores (os desejos humanos assumem valores de bem-estar ou de valores de deferência). Inovou também na metodologia, como a análise de conteúdo, desenvolvendo abordagens quantitativas, para uma área de estudos pouco familiarizada com este tipo de pesquisa.

Embora sua relevância teórica seja amplamente reconhecida, paradoxalmente, parte de sua densa produção permanece subestimada ou insuficientemente explorada pela exegese contemporânea. Como observa o cientista político Dwaine Marvick, em parte tal lacuna pode ser atribuída às suas abordagens originais e ao seu peculiar estilo de escrita – uma combinação de concisão e prolixidade “que torna sua mensagem esporadicamente obscura, em virtude da maneira elíptica e autoconsciente com que ele lida com a própria tarefa de investigação”.

Também se poderia acrescentar a atual condição de recepção dos textos clássicos, sabidamente pouco permeável e não isenta de preconceitos ou estereótipos. No caso de Lasswell, em particular, o hábito de aplicar rótulos reducionistas mostra-se manifestamente inadequado para um autor de tal envergadura. Não raramente, sua produção é alvo de interpretações estritamente literais, que negligenciam tanto o *estado da arte* das ciências sociais à época quanto o denso contexto geopolítico da Segunda Guerra Mundial e da Guerra Fria.

Embora justa, a qualificação de “pioneiro” nem sempre vem acompanhada da compreensão das dificuldades inerentes a essa condição. O cenário era de profundas transformações, impulsionadas por movimentos como o pragmatismo e o funcionalismo, o embate entre o behaviorismo-psicanálise e pela pungência de debates que extrapolaram o âmbito acadêmico – a exemplo da resistência à propaganda e da célebre controvérsia Lippmann-Dewey sobre a democracia. Aliás, Lasswell entende que o papel dos cientistas sociais é produzir conhecimento para a democracia, atuando como peritos que ajudam na tomada de decisões mais informadas e responsáveis. Uma posição com a qual muitos acadêmicos e pesquisadores de hoje se veriam representados. Mas, possivelmente, o que melhor explique esta condição tão peculiar de Lasswell é fazer parte de um seleto grupo de autores cuja influência foi absorvida pela tradição subsequente de maneira sutil e profunda, um conjunto de pequenas e importantes conquistas das quais dificilmente nos damos conta.

Essas dificuldades – e ainda outras, sobre as quais caberia refletir – expressam-se no presente dossiê ao evidenciar uma recepção à chamada de textos circunscrita a poucos especialistas; matéria que, por si só, já ocuparia inteiramente um outro volume. Cabe questionar o que isso representa nestes cem anos de estudos da propaganda, tendo em conta tratar-se de um tema central e estruturante para a área da Comunicação e que – malgrado seus avatares contemporâneos, como a desinformação, as *fake news*, as guerras psicológicas e o jornalismo de guerra – permanece de extrema atualidade. Tudo isto se encontra representado, ainda que pudesse ser mais presente em nossas discussões cotidianas do campo, nos textos que ora apresentamos.

Este dossiê da revista *Esferas* abre com uma tradução inédita de um dos primeiros textos de Lasswell publicados em uma revista científica: “A teoria da propaganda política”, de 1927. Apesar de curto e com um padrão bem distante dos artigos científicos contemporâneos, este trabalho apresenta uma proposta teórica e conceitual para avaliar a propaganda e seus mecanismos – e que, com absoluta certeza, ainda tem o que dizer sobre a contemporaneidade.

Em seguida, traz o artigo intitulado “Elites em tempos de dissonância pública: de Lasswell à reconfiguração digital do poder”, da autoria de Vasco Ribeiro, professor da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Partindo das eleições húngaras de 2026 e da ascensão de Péter Magyar, Ribeiro revisita a teoria do recrutamento das elites proposta por Harold D. Lasswell, Daniel Lerner e Charles E. Rothwell, em *The comparative study of elites: an introduction and bibliography* (1952), interrogando as metamorfoses contemporânea do poder num contexto de desordem informativa e erosão da mediação jornalística. A partir deste caso, em diálogo com dinâmicas observáveis em diferentes democracias europeias e latino-americanas, o texto articula Lasswell com o “capital social” de Robert Putnam, a “fragmentação da esfera pública” em Jürgen Habermas e a noção de “esfera pública dissonante” de Barbara Pfetsch, mostrando como a mobilização digital, a polarização afetiva e a desinformação algorítmica reconfiguram as formas de legitimação, visibilidade e recrutamento das elites.

Em “O conceito de propaganda de Lasswell vai a tribunal: como símbolos latentes se tornam manifestos e a análise de conteúdo quantitativa”, Terhi Rantanen, professora no Departamento de Media e Comunicações da London School of Economics, mostra como, na viragem dos 1930 para a década seguinte, a noção de propaganda de Harold D. Lasswell foi reconfigurada através da

participação do governo norte-americano em processos judiciais contra a propaganda estrangeira. Neste contexto, a análise qualitativa de símbolos e de conteúdos latentes, fortemente ancorada na psicanálise, deu lugar a um programa de análise de conteúdo quantitativa, com categorias padronizadas, testes de detecção de propaganda e procedimentos comparativos entre publicações norte-americanas e soviéticas ou alemãs. Os tribunais tornaram-se um laboratório metodológico, onde se operacionalizaram conceitos como símbolo, propaganda e conteúdo latente/manifesto, sob a lógica emergente da *policy science*. Rantanen argumenta que esta reviravolta consolidou a comunicação comparada e a análise de conteúdo como métodos centrais nos estudos de *media*, mas com o ônus de uma perda de densidade teórica sobre o símbolo e dos dilemas éticos relativamente ao papel dos acadêmicos em dispositivos legais que limitam a liberdade de expressão.

Em “Comunicação, elites e poder em tempos de guerras de ideias: um olhar sobre o ‘quem?’ lasswelliano”, Edgard Rebouças coloca Lasswell como um pensador decisivo para compreender as articulações entre propaganda, poder e controle social. Ele o faz ao promover uma releitura histórica e crítica da obra de Lasswell ao destacar a centralidade da dimensão do “quem?” em seu célebre esquema analítico, argumentando que a atenção insuficiente a essa categoria obscureceu, por décadas, a potência crítica de suas reflexões sobre elites, disputa ideológica e estruturas de poder, e em especial durante períodos de guerra.

Os dois artigos subsequentes atualizam esse legado ao mostrar a surpreendente vitalidade do pensamento lasswelliano diante das mutações tecnológicas do século XXI.

“IA e propaganda algorítmica: reconfigurações do modelo de Lasswell na era dos dados” de Tiago Negrão Andrade, Sílvia Luís Galvim Buria, Maria Cristina Gobbi, desloca a análise para os ecossistemas automatizados de plataformas, *bots* e inteligência artificial, demonstrando como categorias clássicas como emissor, canal, mensagem e efeito desenvolvidas no modelo de Lasswell são radicalmente tensionadas pela lógica algorítmica e pela modulação automatizada da atenção. A análise mostra, dessa maneira, como as arquiteturas comunicacionais automatizadas reconfiguram categorias clássicas da teoria da propaganda, ao evidenciar mudanças significativas na autoria, na relação com o canal — agora convertido em infraestrutura — e nos efeitos discursivos produzidos em ambientes digitais mediados por algoritmos.

Já “Publicidade híbrida e publicidade de controle como pilares das guerras híbridas contemporâneas”, de Izabela Domingues, expande a discussão evidenciando como propaganda e publicidade operam hoje em camadas simultâneas: uma superior, marcada pela hibridização de linguagens, e outra inferior, organizada por algoritmos, coleta de dados e mecanismos de controle. Demonstra assim que elementos discutidos hoje já estavam postos nos estudos sobre o fazer propaganda a favor de fins bélicos de autores clássicos como Edward Bernays e Lasswell.

Os textos, assim, demonstram como Lasswell ultrapassa a caricatura funcionalista frequentemente atribuída a ele. E com isso resgatam sua complexidade teórica e reinscrevem Lasswell como autor incontornável para compreender propaganda, governança algorítmica e conflitos comunicacionais na contemporaneidade.

O escritor Ítalo Calvino, na obra *Por que ler os clássicos*, dizia que “é clássico tudo aquilo que persiste como rumor, mesmo onde predomina a atualidade mais incompatível”. O caso de Lasswell

mostra-se mais que isso. O conhecimento do autor é, hoje, premente: a atualidade é mais do que compatível com suas teorias. Que os textos desta edição auxiliem, de alguma maneira, nesta compreensão.

Boa leitura!